



Um olhar profundo sobre uma das frases mais citadas — e mais mal compreendidas — de Jesus Cristo

Vivemos numa época em que poucas frases do Evangelho são tão citadas quanto aquela pronunciada por Nosso Senhor Jesus Cristo:

“Não julgueis, e não sereis julgados.”
(Lc 6,37)

Ouvimos isso constantemente nas redes sociais, em debates políticos, em conversas familiares e até mesmo dentro da própria Igreja. Muitas vezes, essa frase é utilizada como uma espécie de argumento definitivo para impedir qualquer correção moral, qualquer discernimento ou até mesmo qualquer afirmação sobre o bem e o mal.

Mas isso levanta uma pergunta fundamental:

O que Cristo realmente quis dizer quando falou sobre “não julgar”?

Isso significa que um cristão nunca pode dizer que algo está errado?
Implica que devemos aceitar qualquer comportamento sem discernimento?
O Evangelho proíbe a correção fraterna?
É pecado apontar o erro?
Onde está a diferença entre julgar uma ação e condenar uma pessoa?

Essas questões são enormemente importantes, porque uma compreensão errada do “não julgueis” pode levar a dois extremos perigosos:

- de um lado, o farisaísmo orgulhoso que condena os outros com dureza;
- e do outro, o relativismo moderno que nega a existência do pecado e dissolve toda verdade moral.

O Evangelho não aprova nenhum desses extremos.

Cristo não veio abolir a verdade nem destruir a misericórdia. Veio unir ambas perfeitamente.



Por isso, compreender corretamente este ensinamento é essencial para a vida cristã atual.

O contexto da frase “Não julgueis”

A expressão aparece especialmente no Sermão da Planície em São Lucas e também no Sermão da Montanha em São Mateus.

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o julgamento com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que medirdes vos medirão também.”

(Mt 7,1-2)

Entretanto, para interpretar corretamente qualquer passagem bíblica, a Igreja sempre ensinou que ela deve ser lida:

- em seu contexto;
- em harmonia com o restante das Escrituras;
- e segundo a Tradição apostólica.

E aqui encontramos algo muito importante:

Jesus Cristo também manda discernir

De fato, o próprio Senhor diz alguns versículos depois:

“Guardai-vos dos falsos profetas.”

(Mt 7,15)

E também:



“Pelos seus frutos os conhecereis.”
(Mt 7,16)

Ora, se Cristo pede para distinguir falsos profetas dos verdadeiros, necessariamente está pedindo um julgamento prudencial e moral.

Portanto, fica claro desde o início que “não julgueis” não significa renunciar ao discernimento.

A Igreja jamais entendeu esta passagem como uma proibição absoluta de emitir juízos morais.

Então, o que exatamente Jesus proíbe?

O verdadeiro significado de “Não julgueis”

A tradição católica, os Padres da Igreja e os grandes teólogos explicaram que Cristo condena principalmente:

1. O julgamento temerário

Isto é, atribuir más intenções ao próximo sem fundamento suficiente.

Muitas vezes acreditamos conhecer o coração de outra pessoa, suas motivações interiores ou até mesmo sua relação com Deus. Mas isso pertence unicamente ao juízo divino.

Somente Deus conhece plenamente o interior do homem.

“O homem vê as aparências, mas o Senhor vê o coração.”
(1Sm 16,7)

O julgamento temerário aparece quando:



- presumimos más intenções;
- interpretamos tudo negativamente;
- consideramos alguém culpado sem certeza;
- espalhamos suspeitas;
- destruimos reputações;
- ou reduzimos uma pessoa ao seu pior erro.

Na nossa era digital isso acontece constantemente.

As redes sociais criaram uma cultura de condenação imediata na qual milhões de pessoas julgam, insultam e destroem publicamente os outros sem misericórdia, sem prudência e muitas vezes sem conhecer toda a verdade.

O Evangelho se opõe radicalmente a essa atitude.

2. A hipocrisia moral

Cristo também condena o julgamento hipócrita.

“Por que reparas no cisco que está no olho do teu irmão e não percebes a trave que está no teu próprio olho?”
(Mt 7,3)

Jesus não diz que o cisco não existe.
O cisco existe.

O que Ele denuncia é o orgulho daquele que procura corrigir os outros enquanto ignora gravemente os próprios pecados.

O problema não é reconhecer o mal.
O problema é fazê-lo com arrogância.

O cristão é chamado primeiro a examinar a própria alma.



A correção sem humildade facilmente se transforma em crueldade espiritual.

Por isso os santos insistiam tanto na consciência da própria miséria.

Quanto mais próxima de Deus está uma alma, mais consciente ela costuma se tornar das próprias faltas.

3. A condenação impiedosa

Existe uma enorme diferença entre dizer:

- “esta ação é pecaminosa”
e dizer:
- “esta pessoa está condenada”.

A Igreja pode afirmar objetivamente que certos comportamentos são contrários à lei de Deus. Isso faz parte de sua missão.

Mas o julgamento definitivo da alma pertence somente a Deus.

Ninguém conhece plenamente:

- o grau de liberdade interior;
- as feridas;
- a ignorância;
- as circunstâncias;
- ou o arrependimento final de uma pessoa.

Por isso a Igreja sempre foi prudente em relação ao julgamento final das almas.

Mesmo quando condena doutrinas ou atos objetivamente pecaminosos, mantém aberta a porta da misericórdia e da conversão.



Então... um cristão pode julgar o bem e o mal?

Sim. E não apenas pode: deve.

Hoje existe uma grande confusão porque qualquer juízo moral foi identificado com “ódio” ou “intolerância”. Mas o Evangelho nunca ensina isso.

O cristão deve discernir

São Paulo escreve:

“*Examinai tudo e guardai o que é bom.*”
(1Ts 5,21)

E também:

“*Por que não julgais por vós mesmos o que é justo?*”
(Lc 12,57)

A vida cristã exige distinguir:

- verdade e erro;
- virtude e pecado;
- santidade e corrupção;
- doutrina autêntica e falso ensinamento.

Sem discernimento, a fé se torna impossível.

Um pai deve discernir o que é bom para seus filhos.

Um sacerdote deve discernir doutrinas perigosas.

Um cristão deve discernir ambientes prejudiciais à alma.

O problema não é o juízo moral em si.



O problema é o orgulho, a dureza e a falta de caridade.

O próprio Cristo julga o pecado

Um dos maiores erros modernos consiste em apresentar Jesus como alguém que nunca confrontou o mal.

Isso não corresponde ao Evangelho.

Cristo falou claramente:

- contra a hipocrisia;
- contra o adultério;
- contra a corrupção;
- contra a dureza de coração;
- contra a blasfêmia;
- contra o escândalo;
- e contra o pecado em geral.

Aos fariseus chamou:

“sepulcros caiados”
(Mt 23,27)

E à mulher adúltera disse:

“Vai e não peques mais.”
(Jo 8,11)

Aqui vemos o equilíbrio perfeito do Evangelho:



- misericórdia para com a pessoa;
- clareza diante do pecado.

Cristo não humilha gratuitamente, mas também não relativiza o mal.

O grande problema moderno: confundir amor com aprovação

Na cultura contemporânea espalhou-se uma ideia perigosa:

“Se amas alguém, deves aprovar tudo o que essa pessoa faz.”

Mas isso não é amor cristão.

O amor autêntico busca o verdadeiro bem do outro.

E o verdadeiro bem inclui a salvação eterna.

Um médico que esconde uma doença grave por medo de incomodar não age com amor.

Um pai que nunca corrige o filho não age com amor.

Um cristão que nunca alerta sobre o pecado também não ama plenamente.

Santo Agostinho dizia:

| *“Ama e faze o que quiseres.”*

Mas esse amor não é sentimentalismo moderno.

É verdadeira caridade orientada para Deus e para a salvação.



A correção fraterna: uma obra de misericórdia

A Igreja ensina que corrigir quem erra pode ser uma obra de misericórdia espiritual.

Isso surpreende muitas pessoas hoje.

Entretanto, o Evangelho ensina:

“Se teu irmão pecar, repreende-o.”
(Lc 17,3)

E também:

“Se teu irmão pecar contra ti, vai e corrige-o a sós.”
(Mt 18,15)

A chave está em como isso é feito.

A correção cristã:

- não busca humilhar;
- não nasce do orgulho;
- não pretende destruir;
- não é feita publicamente por vaidade;
- não procura sentir-se superior.

Ela deve nascer:

- da caridade;
- da humildade;
- da verdade;
- e do sincero desejo do bem do outro.

Muitos santos corrigiam com firmeza, mas também com lágrimas.



O perigo espiritual de tornar-se juiz absoluto

Quando uma pessoa se acostuma a julgar constantemente os outros, corre um grave perigo espiritual.

Por quê?

Porque interiormente ocupa o lugar que pertence a Deus.

O orgulho espiritual pode disfarçar-se de zelo religioso.

Uma pessoa pode conhecer a doutrina, defender a verdade e ainda assim cair em:

- dureza;
- desprezo;
- orgulho;
- falta de misericórdia;
- e autossatisfação farisaica.

O fariseu da parábola agradecia a Deus por não ser como os outros homens. Mas foi o publicano humilde quem voltou justificado para casa.

“Ó Deus, tende piedade de mim, pecador.”

(Lc 18,13)

A santidade autêntica sempre produz humildade.



Como então viver o equilíbrio evangélico?

Aqui encontramos um dos grandes desafios espirituais do cristão moderno:

unir verdade e caridade.

Não basta:

- nem “dizer a verdade” brutalmente;
- nem “ser gentil” escondendo a verdade.

Cristo faz ambas as coisas perfeitamente.

Por isso o cristão é chamado a:

1. Amar profundamente as pessoas

Toda pessoa possui dignidade porque foi criada à imagem de Deus.

Mesmo o pecador mais distante conserva essa dignidade.

O cristão jamais deve alegrar-se com o pecado ou o fracasso moral de alguém.

2. Chamar o pecado pelo nome

A caridade não elimina a verdade moral.

O Evangelho não muda conforme as modas culturais.

O que era pecado há dois mil anos não deixa de ser pecado porque a sociedade moderna o aprova.



3. Examinar primeiro a própria alma

Antes de corrigir o mundo inteiro, o cristão deve começar pela própria conversão.

Os santos insistiam enormemente nisso.

Muitas vezes vemos claramente os defeitos dos outros justamente porque ignoramos os nossos.

4. Falar com prudência e misericórdia

Nem toda verdade deve ser dita:

- em qualquer momento;
- de qualquer maneira;
- nem diante de qualquer pessoa.

A prudência também é uma virtude cristã.

“Não julgueis” não significa renunciar à verdade

Um dos maiores dramas espirituais atuais é o medo de muitos cristãos de afirmar a verdade por receio de serem considerados “intolerantes”.

Mas Cristo nunca prometeu que o Evangelho seria aceito pelo mundo.

A verdade cristã incomoda porque chama à conversão.

E todos nós precisamos de conversão.

Não apenas “os outros”.



Todos.

O juízo final existe

Paradoxalmente, aqueles que mais repetem “não julgueis” muitas vezes esquecem que o Evangelho fala constantemente sobre o julgamento de Deus.

Cristo fala:

- do juízo final;
- da separação entre ovelhas e cabritos;
- do céu e do inferno;
- da responsabilidade moral;
- e da necessidade de arrependimento.

Portanto, negar toda avaliação moral não é misericórdia: é esvaziar o Evangelho.

A misericórdia cristã só faz sentido porque o pecado existe.

O ensinamento dos santos sobre julgar o próximo

Os santos falaram muito sobre este tema.

São João Crisóstomo

Advertia que o julgamento severo dos outros endurece o coração e nos torna incapazes de reconhecer nossos próprios pecados.



São Francisco de Sales

Ensinava que devemos odiar o pecado, mas amar o pecador com paciência e ternura.

Santa Teresa de Calcutá

Via Cristo até mesmo nos mais pobres e pecadores, sem jamais negar a verdade moral.

São Tomás de Aquino

Explicava que o julgamento pode ser legítimo quando:

- é feito com justiça;
- com prudência;
- baseado nos fatos;
- e buscando o bem.

O pecado está no julgamento injusto ou arrogante.

Aplicações práticas para a vida diária

Nas redes sociais

Antes de comentar, insultar ou condenar:

- conheço toda a verdade?
- estou agindo com caridade?
- minhas palavras edificam ou destroem?



Na família

A correção deve ser feita com amor, não com desprezo.

Muitos lares sofrem porque a verdade é comunicada sem misericórdia ou porque a misericórdia elimina completamente a verdade.

Na Igreja

O católico deve defender a doutrina evitando:

- o ódio;
- o orgulho;
- a agressividade constante;
- e a obsessão doentia pelos erros dos outros.

A defesa da verdade sem santidade acaba se deformando.

O exemplo perfeito: Jesus Cristo

Ninguém amou mais do que Cristo.

E ninguém falou mais claramente sobre o pecado.

Ele:

- perdoou os pecadores;
- comeu com publicanos;
- acolheu os rejeitados;
- curou feridas;
- mostrou misericórdia infinita.



Mas também chamou constantemente à conversão.

A misericórdia de Cristo nunca foi permissividade.

Ela sempre esteve orientada para transformar o coração humano.

Conclusão: o verdadeiro significado evangélico de “Não julgueis”

Quando Jesus diz “não julgueis”, Ele não está abolindo a verdade moral nem proibindo o discernimento cristão.

Ele está condenando:

- o orgulho;
- a hipocrisia;
- o julgamento temerário;
- a dureza de coração;
- e a condenação impiedosa do próximo.

O cristão deve:

- amar a todos;
- discernir o bem e o mal;
- corrigir com caridade;
- evitar a arrogância;
- reconhecer os próprios pecados;
- e confiar o julgamento definitivo somente a Deus.

Num mundo dividido entre relativismo e agressividade, o Evangelho propõe um caminho mais difícil e mais santo:



a união inseparável entre verdade e misericórdia.

Porque a verdade sem amor fere.
Mas o amor sem verdade engana.

E somente em Jesus Cristo ambas se encontram perfeitamente unidas.